

CIDADES

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, domingo, 4 de agosto de 1996

Escola pública de línguas permite que filhos de trabalhadores de baixa renda aprendam inglês, francês e espanhol

CEILÂNDIA DOS POLIGLOTTAS

Conceição Freitas
Da equipe do Correio

Filhos de diaristas, cozinheiras, marceneiros e mestres-de-obra passeiam pela língua inglesa como se tivessem morado na Inglaterra. Por esse privilégio pagam R\$ 17,00 a cada semestre. Têm direito a computador, videocassete, tevê por assinatura e a professores que já moraram nos Estados Unidos. "Mas o computador é o de menos. O mais importante é a liberdade de sonhar", diz a professora Elza Zanini, do Centro Interescolar de Línguas de Ceilândia (Cilc), uma escola pública de línguas estrangeiras.

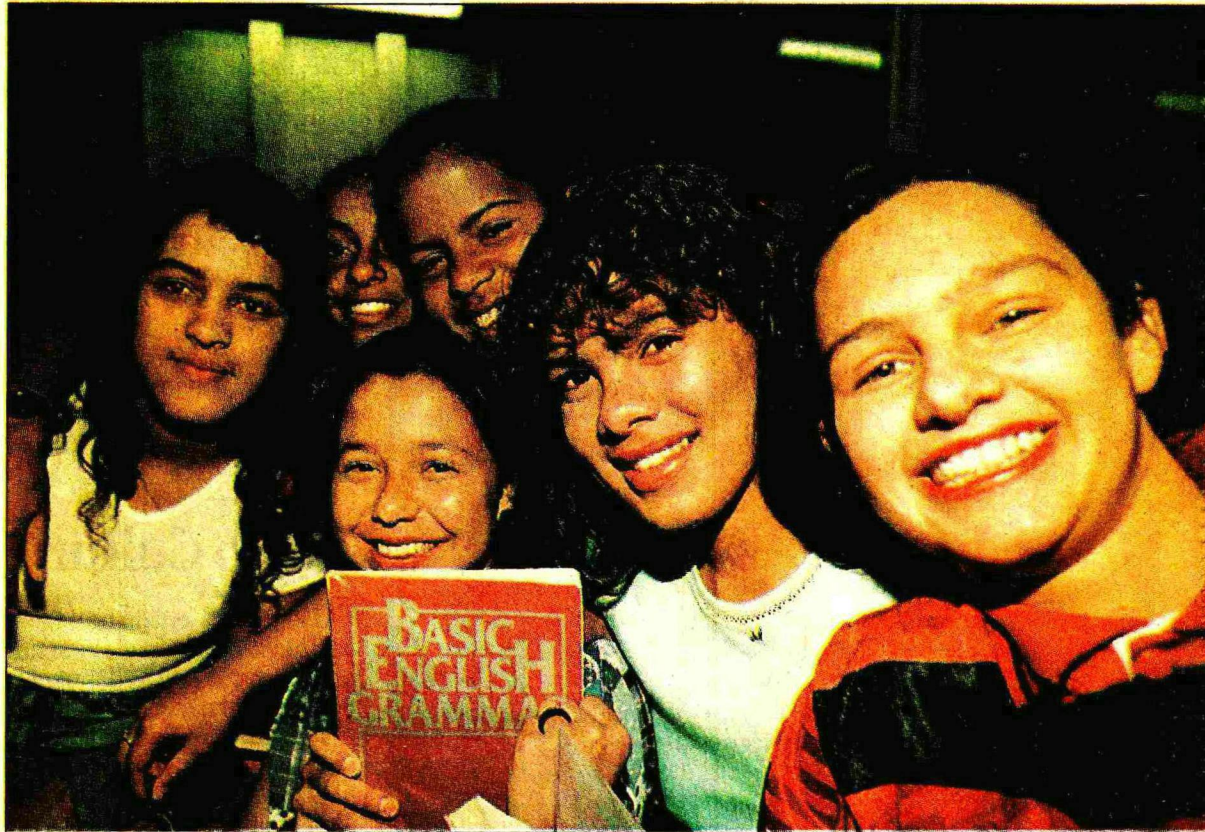
A estudante Denise Alencar, 15 anos, filha de um marceneiro, quer ser agente de viagem para, diz ela, "conhecer os Estados Unidos, a Disneylândia". Adriana de Melo, 14 anos, sonha em "montar uma empresa nos Estados Unidos". Núbia Andreia Xavier de Sousa, 15 anos, planeja ser jornalista "para ir a Atlanta".

Esses mesmos garotos de classe média, média baixa e baixa podem aprender também francês e espanhol. "É uma oportunidade de mostrar a essas pessoas um mundo que elas nem sabiam que existia", afirma Elza Zanini, coordenadora do curso de espanhol.

A liberdade para sonhar de que fala a professora Elza Zanini já dura 11 anos. "Começamos com duas salas de aula na Escola Normal, atendendo cento e poucos alunos", conta o diretor Ademar de Faria, um dos fundadores do Cilc.

Hoje, a escola atende 4 mil alunos, a maioria adolescentes da rede pública de ensino regular. Não fosse o prédio pálido e frio, típico das escolas oficiais, podia-se pen-

Raimundo Paccó



As estudantes do Centro Interescolar de Línguas têm sonhos como montar negócios nos EUA e trabalhar em Atlanta

sar que aquela é uma escola para ricos. Há aparelhos de televisão, vídeo e som em quase todas as salas de aula. A biblioteca tem 29 módulos de áudio e três de vídeo. A escola tem assinatura de TV a cabo e prepara-se para se acoplar à Internet.

VAGA DIFÍCIL

Não é fácil conseguir vaga no Cilc. No início deste ano, 2 mil pessoas candidataram-se a 300 vagas. Foram escolhidas por sorteio. O diretor da escola diz que a maioria dos alunos é de classe média baixa, mas 10% das vagas são destinadas à comunidade, a professores e filhos de professores da Fundação Educa-

cional e a alunos de universidade.

Muita gente pode pagar uma escola particular, mas prefere o Cilc. Júlio César Borre Souza, 19 anos, aluno do 8º semestre de inglês, diz que sua família pode arcar com as despesas de uma escola paga. "Essa aqui não é uma Oxford, mas deixa muitas particulares para trás", resume ele.

Na sala de coordenação do curso de espanhol há duas reproduções de *Guernica*, a superobra que Pablo Picasso pintou para denunciar as atrocidades da guerra civil espanhola. "Eles chegam aqui sem nunca ter visto uma obra de Picasso, não sabem quem é Borges (Jorge Luiz Borges), e não têm a mínima

idéia das divisões geográficas do continente".

A professora Elaine Andrade conta que certo dia mostrou o mapa de Washington aos alunos e disse que tinha morado lá cinco anos. "Para eles, é uma coisa incrível um professor ter morado fora ou mesmo ter visitado outro país". Elaine mostrou onde fica a Casa Branca e contou que do Washington Monument era possível enxergar toda a cidade e o Estado de Virgínia. "Os alunos ouviam de olhos arregalados. Quando eu terminei de falar, uma aluna bateu palmas", lembra ela. O lado de fora do Brasil já não é tão distante para quem é pobre e mora na Ceilândia.

De olho no Mercosul

Elizabeth de Matos Pereira, 17 anos, é filha de uma cozinheira que ganha R\$ 400,00 por mês. Está no quarto semestre de inglês e no primeiro de espanhol. "Me considero uma sortuda", diz. Ela lamenta não ter começado a estudar línguas estrangeiras há mais tempo. Neste semestre, decidiu aprender o idioma de Jorge Luis Borges. "Somos exceção no continente. Todo o resto fala espanhol e o Mercosul visa emprego", argumenta Elizabeth.

Filho de uma enfermeira e de um policial militar, Leandro dos Santos Vieira, 14 anos, faz francês e inglês. Neste semestre, pôde dedicar-se às conjugações do verbo *to be*, mas nem por isso vai abandonar as aulas da língua que obriga as pessoas a fazerem biquinho. Leandro diz que "ficaria difícil" para os pais bancarem uma mensalidade de R\$ 100 ou 150,00 para um curso de línguas. Para duas, seria mais complicado ainda.

Aqueles americanos falantes que chegaram a Carolina (MA) impressionaram um garoto de família modesta. Passadas mais de quatro décadas, o serralheiro Francisco Barbosa da Silva, 56 anos, foi aprender inglês. "Tenho dificuldades, não entendo que nem os outros, às vezes sou reprovado, mas tento de novo", conta. Seu Francisco é um dos mais assíduos alunos do Cilc.

Dentro da casa de número 39 de uma das quadras do Setor P Sul, fala-se inglês fluentemente. Francisco e os filhos Isac, 16 anos, e Denise, 15, estudam no Cilc e vez ou outra substituem o português nas conversas em casa.

Na casa do serralheiro maranhense todo mundo estuda e quase todos aprendem uma língua estrangeira. Samuel, de 13 anos, quer aprender grego e seu Francisco — podem acreditar — faz dois cursos de inglês, no Cilc e numa escola particular do Plano Piloto.